

## **“Por acaso, isso é Blumenau?”: Considerações sobre a formação da imagem das colônias do Vale do Itajaí no imaginário do imigrante**

Cassiano Silveira dos Santos  
siano@terra.com.br  
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: este artigo reflete sobre o imaginário do imigrante alemão referente às colônias do Vale do Itajaí. Para isso analisamos memórias de imigrantes que para esse local vieram na década de 1850 e que constam no periódico *Blumenau em Cadernos*, da Fundação Cultural de Blumenau e também em pesquisas acadêmicas já efetuadas.

Palavras-chaves: Imigrante; Identidade; Blumenau; Imaginário

Abstract: this article reflects about the german immigrant imaginary referring to colonies of *Vale do Itajaí*. For this, it's analyzed the immigrants memories that came in this local, in 1850s and that are in the periodic *Blumenau em cadernos*, from the Cultural Foundation of Blumenau and also in the academic researches already performed.

Keywords: Immigrant; Identity; Blumenau; Imaginary

“By the way, is this Blumenau?”: Considerations about the image formation of colonies of *Vale do Itajaí* in the immigrant imaginary

“Assim, os recém-chegados avistaram Blumenau pela primeira vez. Um olhava para o outro e ninguém ousava perguntar: Por acaso, isso é Blumenau?”<sup>1</sup> Essa indagação decepcionada provém do imigrante alemão Karl Kleine, quando conta em seu livro de memórias como foi sua chegada a Blumenau. Essa indagação foi recorrente para boa parte dos imigrantes que vieram para Santa Catarina a partir de 1847, quando se iniciou a corrente migratória alemã para esse estado.<sup>2</sup>

Será que os colonos não sabiam das condições da colônia? Teriam sido eles ludibriados pelos agentes de emigração que encontraram na Europa? Ou eram talvez muito ingênuos esses pioneiros que vieram ocupar terras no Vale do Itajaí? Enfim, como foi construída a imagem das colônias no imaginário desses homens e mulheres?

Porém, antes de tentarmos responder essas questões, é necessário que se façam alguns comentários e definições prévias. Utilizaremos aqui o termo “emigrante alemão” para colonos

---

<sup>1</sup> KLEINE, Karl. Chegada em Blumenau. *Blumenau em Cadernos* – Fundação Cultural de Blumenau, n. 11/12. Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau, nov/dez. 2000. p. 9.

<sup>2</sup> KLUG, João. *Imigração e luteranismo em Santa Catarina*. Florianópolis: Papa-Livro, 1994. p. 33.



que chegaram ao Brasil antes mesmo da unificação dos estados alemães (1871), portanto é necessário definir quem são esses emigrantes. Utilizaremos para isso a definição de Klaus Richter, que diz: “Emigrante alemão é o indivíduo oriundo da Confederação Alemã e depois do Segundo Império, do Império Austríaco e da Suíça Alemã, de língua, cultura e etnia alemã, que voluntariamente deixou seu país, sem a intenção de voltar”.<sup>3</sup> Também trataremos por Alemanha os estados citados nessa definição, ainda que antes da data da unificação alemã. Estaremos tratando nesse artigo da emigração alemã para o Vale do Itajaí na segunda metade do século XIX, mais especificamente na década de 1850. Quando por ventura estivermos nos referindo a um período diferente, esse será especificado.

Para se compreender o que os emigrantes alemães esperavam das colônias, devemos também conhecer um pouco da sua situação em seu local de origem. Primeiramente, havia sérias dificuldades para se obter os meios de subsistência, em parte em função da superpopulação dos estados alemães, em parte em função da legislação sobre a partilha de terras entre herdeiros, vigente em alguns dos estados. Essa legislação levava por vezes à fragmentação das terras em lotes cada vez menores, insuficientes para manter uma família camponesa, mesmo quando as colheitas eram fartas, restando as possibilidades do trabalho agregado a outro proprietário ou a emigração. Em outros estados, a legislação poderia determinar que toda a propriedade passasse para o filho mais velho (ou mais novo, o que variava em função da região e da religião), o que levava os irmãos a se tornarem dependentes do herdeiro. Àqueles que não se submetiam a essa condição, restava emigrar.<sup>4</sup> Já na Prússia, “os latifúndios passaram a absorver em grande escala, a mão de obra de jornaleiros assalariados apenas para a sementeira e a colheita, não gozando o trabalhador de qualquer direito”.<sup>5</sup> Outro fator que pressionava a população era a crise do artesanato rural, pois encerradas as guerras napoleônicas:

[...] os produtos industriais ingleses voltaram a ser comercializados na Europa, com o fim do bloqueio continental. Esta realidade resultou no colapso das manufaturas, sobretudo a tecelagem. Ao lado disto, a mecanização começou a ser introduzida na indústria têxtil dentro da própria Alemanha, o que concorreu para aumentar o número de emigrantes.<sup>6</sup>

<sup>3</sup> RICHTER, Klaus. *História da emigração alemã para o Brasil*. [s.d.] (Manuscrito). Apud: KLUG, João. op. cit. p. 26.

<sup>4</sup> KLUG, João. op. cit. p. 28.

<sup>5</sup> Idem, p. 29.

<sup>6</sup> Ibidem.



Em resumo, era essa a situação na Alemanha. Não é de surpreender, portanto, que os emigrantes desejassem ir para um lugar melhor, uma terra de fartura e igualdade. Não queremos aqui dizer que os emigrantes esperassem encontrar do outro lado do oceano, literalmente, o paraíso terreal. Porém essa imagem existia no imaginário popular. Justificativa disso é o mito do "País da Cocanha", muito propagado pela Europa Ocidental, do qual uma das versões (de meados do século XVI) nos é apresentada por Carlo Ginzburg, em seu livro "O queijo e os vermes":

Navegantes do Mar Oceano acharam/há pouco tempo um divinal país,/ um país jamais visto nem ouvido.../[...] Uma montanha de queijo ralado/se vê sozinha na planura,/e um caldeirão puseram-lhe no cimo.../Um rio de leite nasce de uma gruta/e corre pelo meio do país,/seus taludes são feitos de ricota.../[...] Lá não há camponês nem cidadão,/todos são ricos, têm o que desejam,/que de frutos os plainos se carregam.<sup>7</sup>

Segundo Ginzburg, esses elementos "são provavelmente exagero da imagem, já mítica, que os primeiros viajantes forneceram das terras descobertas além do Oceano e de seus habitantes".<sup>8</sup> Essas "terras descobertas além do Oceano", a América, foram ainda mais mitificadas. Portugueses e espanhóis "se deixaram atrair pela esperança de encontrar em suas conquistas um paraíso feito de riqueza mundanal e beatitude celeste, que a eles se oferecia, sem reclamar labor maior, mas sim como um dom gratuito".<sup>9</sup> Considerando a profusão de relatos idealizados sobre a América não é difícil supor que tipo de imagem predominante se formou no imaginário do Europeu, particularmente no imaginário do camponês.

Mas não é possível fazer uma ligação entre o mito da Cocanha e a imagem que o emigrante alemão tinha do Brasil. Afinal, na primeira metade do século XIX, nosso país era mal visto na Alemanha. As condições de emigração para os Estados Unidos eram muito melhores que para o Brasil, além do que a imprensa alemã:

---

<sup>7</sup> GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. pp. 134, 135.

<sup>8</sup> Idem, p. 136.

<sup>9</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *A visão do paraíso*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1985. pp. XVIII. Apud: SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. *A terra prometida: emigração italiana: mito e realidade*. Itajaí: Editora da Univali, 1999. p. 143.



[...] retratava a situação difícil, às vezes desesperadora, dos emigrantes que se dirigiam ao Brasil e não viam cumprir-se as promessas feitas a eles na Europa. Esta realidade produziu uma imagem negativa do Brasil junto à opinião pública, acrescida ainda pelo fato de que a maioria dos governos alemães se empenhava em divulgar esta imagem negativa ao público.<sup>10</sup>

Esse quadro só começou a mudar quando, em 1840, uma crise se abateu sobre os estados alemães (conseqüência dos movimentos revolucionários que varriam a Europa), gerando aumento de preços e do desemprego. Isso, associado ao empenho da diplomacia brasileira na Alemanha em encorajar a emigração, favoreceu, a partir de 1847, o estabelecimento de uma corrente migratória para Santa Catarina. Também a lei imperial de 1848, referente às terras devolutas, reservava seis léguas quadradas dessas terras exclusivamente à colonização em cada província, vedadas ao trabalho escravo, estimulando essa corrente.<sup>11</sup> É a partir daqui que se inicia o período mais intenso da imigração alemã para o Brasil.

Voltando às memórias do imigrante alemão Karl Kleine, ele nos fala de sua chegada, junto com um grupo de imigrantes à Colônia de Blumenau. O ano era de 1856 e suas primeiras impressões, logo no desembarque, são negativas:

A nossa chegada foi muito triste: ninguém nos recepcionou; ninguém apareceu; ninguém se preocupou conosco, ninguém veio nos cumprimentar. Mas devem ter-nos ouvido e, em todos os casos, nossa vinda deveria ser importante para eles. Certamente um procedimento estranho e incompreensível que abateu nossos ânimos.<sup>12</sup>

É compreensível a decepção dos recém chegados, afinal haviam feito sacrifícios para chegar até ali. Desde os gastos para comprar a passagem (que por vezes podiam comprometer quase todo o patrimônio de uma família), a tristeza de deixar a terra-mãe (tristeza essa que nos é descrita de maneira quase lírica por Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, em seu livro sobre a colônia Dona Francisca<sup>13</sup>, publicado originalmente em 1853), até o desafio que representava a

---

<sup>10</sup> RICHTER, Klaus. op. cit. In: KLUG, João. op. cit. p. 33.

<sup>11</sup> KLUG, João. op. cit. p. 30.

<sup>12</sup> KLEINE, Karl. op. cit. p. 9.

<sup>13</sup> RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. *A Colônia Dona Francisca no sul do Brasil*. Florianópolis: Editora da UFSC/FCC. Joinville: FCJ, 1992. "Quem já assistiu a uma partida de navios com emigrantes, conhece a tristeza de fisionomias e a mescla de sentimentos que nelas se estampam. Nalgumas é a tristeza de deixar a pátria, os amigos e parentes, noutros, são as lágrimas que não podem conter. O que se poderá ler nas diversas fisionomias? Aquele, estampa no rosto enrugado os sinais da incerteza, suavizados por um lampejo de esperança.



viagem em si, que podia durar mais de 50 dias e em condições nem sempre adequadas. Estavam chegando no local onde depositariam todas as suas esperanças, e era como se tudo isso não significasse nada. Karl continua sua descrição:

Não havia nada à nossa frente, além de um pedaço de terra desmatado, coberto por capoeira. Subimos pela margem do rio à procura da cidade de Blumenau. Bom Deus! Onde estaria exatamente a cidade? Não esperávamos encontrar uma cidade grande, mas, pelo menos uma cidadezinha ou aldeia. Porém, nada disso! Ali se encontrava uma casa grande e larga de um andar e meio, com uma sacada na parte frontal e paredes enxaimel, preenchidas com barro. A casa, aliás estava inacabada. Em toda a construção via-se apenas uma janela de vidro, e por trás da mesma encontrava-se o gabinete do diretor. As demais janelas eram de madeira. Essa única casa seria Blumenau? Oh não! Ali havia mais uma casa, outra lá e, mais adiante, via-se uma fileira de casebres, contudo, nenhuma destas construções fazia jus à denominação 'casa', pois eram apenas casebres, ou melhor, barracas construídas ao modo brasileiro, e em parte, inacabadas. – Esse era o *Stadtplatz* (centro) de Blumenau, como ainda hoje é denominado pelos colonos, embora tenha sido elevado à categoria de vila.

Assim, os recém-chegados avistaram Blumenau pela primeira vez. Um olhava para o outro e ninguém ousava perguntar: Por acaso, isso é Blumenau?<sup>14</sup>

O primeiro contato com a casa de recepção, local onde os imigrantes eram instalados provisoriamente assim que chegavam, também foi frustrante. Karl faz uma descrição do local, porém aqui utilizaremos a fala constante no texto "Conversa com um velho colono blumenauense", de autor anônimo, parcialmente publicado na obra de José Deeke "Das Munizip Blumenau und seine Entwicklungsgechichte" (O município de Blumenau e a história do seu desenvolvimento), editada em alemão no ano de 1917:

Não proporcionava aspecto muito convidativo, tanto no interior como por fora. Tinha uma aparência deplorável, foi construído muito longo e estreito, e dividido em espaços que tristemente mais se assemelhavam a um estábulo para ovelhas. Sua condição era de ruína e lá eram separados os homens e as mulheres. Para aquela construção, foram utilizadas ripas de palmeira, e suas folhas como cobertura. As paredes eram de sarrafo de madeira rebocadas com barro. Mas o galpão, de tempos em tempos, era inundado pelas cheias do ribeirão Garcia. O barro já se dissolvera e estava muito misturado com a lama defronte do galpão. Janelas e seteiras (espias) foram consideradas

---

(...) Ali, brincam e riem alguns aventureiros, que nada tem a perder; lá chora a mãe abraçada aos filhos, despedindo-se do marido que parte na frente, para a incerteza e o vago, procurando evitar os olhares tristes da esposa. (...) Em fim, um quadro em que se misturam as mais diversas reações..." p. 23

<sup>14</sup> Karl Kleine. op. cit. p. 9.



supérfluas [...] O assoalho era de pura terra de Deus, que se esqueceu de aplainá-la [...] A soturna construção foi batizada com o sublime nome "Casa de Recepção" e as diversas repartições eram denominadas "quartos".<sup>15</sup>

Mas apesar de tudo, os colonos, com algumas exceções, não reclamaram da situação. Recordavam dos tempos difíceis que passaram na Alemanha. Ainda assim, nos diz o autor: "[...] o tempo que tivemos de passar no galpão foi o pior que atravessamos em toda nossa vida".<sup>16</sup> Também em outras colônias a situação se repetia. Vejamos o caso de uma leva de imigrantes que vieram até São Francisco a bordo do navio "Gloriosa", que chegava à Colônia Dona Francisca (da qual um dos núcleos seria Joinville), sobre a qual nos fala Theodor Rodowicz-Oswiecimsky:

Esta demora já não importava mais aos passageiros, porquanto eles estavam, a esta altura dos mais vivos acontecimentos, sabendo que a distância, entre S. Francisco e a Colônia, não era tão curta como se lhe havia mostrado em Hamburgo. Agora, entravam em ação canoas menores, que transportavam passageiros sobre pedras e baixios, enquanto os mais impacientes tentavam alcançar o local, por um péssimo caminho, a pé mesmo. Uns estavam aborrecidos com as más condições destas comunicações, outros, com a grande diferença entre a realidade e as lindas gravuras publicadas pela "Ilustrierte Zeitung" na Europa. Enquanto a gente se arrastava pelo lodo para alcançar a barranca do rio, pensava-se nas dificuldades que iriam causar os transportes das caixas com as bagagens etc... Com olhares perscrutadores e ansiosos, procuravam aquele lindo trapiche que viram nas publicações e as casinhas bonitas com floridos jardins. Mas, até onde a vista alcançava, só viam tocos de árvores com capoeiras. Só bem distante viam umas casinhas de sapé e um péssimo caminho a conduzir até lá.<sup>17</sup>

Porém esse trecho nos fornece alguns indícios dos motivos que levavam os imigrantes a esperar algo mais que um porto precário ou uma "soturna" casa de recepção. Corria na Alemanha toda uma publicidade em torno da emigração. Eram guias para emigrantes, artigos de jornais, livros, panfletos de agentes e companhias de navegação ou brochuras de propaganda. Havia inclusive jornais especializados no tema emigração, como o "Allgemeine Auswanderungs-Zeitung" ("Jornal Geral de Emigração" — 1846-1871) e o "Deutsche

---

<sup>15</sup> Conversa com um velho colono blumenauense. *Blumenau em Cadernos* – Fundação Cultural de Blumenau, n. 03/04. Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau, mar/abr. 2007. p. 13.

<sup>16</sup> Idem, p. 13.

<sup>17</sup> RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. op. cit. p. 30.



Auswanderer-Zeitung" ("Jornal Alemão de Emigração" — 1852-1875), que foram os mais importantes da Alemanha no segmento durante o século XIX.<sup>18</sup>

É ainda Theodor que nos diz de onde os imigrantes de Joinville retiraram a imagem que tinham da colônia:

(...) apareceu no 'Leipziger Illustrierte Zeitung' (Jornal Ilustrado de Leipzig) uma publicação convidativa, com gravuras, mostrando o porto de desembarque da Colônia, com as primeiras casas de colonos, circundadas por mimosos jardins floridos etc, etc., assim como um modelo da Casa do colono em terreno já limpo, e que seria vendida.<sup>19</sup>

Uma vez mais ele nos relata de dificuldades com os colonos em decorrência de publicidades fantasiosas. Cerca de três meses após o grupo do "Gloriosa", tem vez a chegada do "Neptuno". E esses colonos chegavam ainda mais esperançosos que os anteriores, pois se baseavam "numa expressiva carta, em si quase inofensiva, dirigida à administração em Hamburgo pelo Tte. Niemayer. Havia ela sido escrita para fins publicitários, e fora distribuída profusamente em cópias entre os pretendentes". Todavia, quando já estavam a caminho da colônia, tiveram informações sobre as condições lá reinantes, principiou a decepção, e ao depararem "com um ancoradouro que era um misto de selva e de precariedade de instalações", a decepção deu lugar à revolta. Ressalta Theodor que "o sr. Niemayer, entretanto, não fizera mais do que elogiar a excelência das terras e, com um caráter franco e satisfeito com Deus, com os homens e as coisas, era apenas um otimista feliz, que se sentia compensado com o que conseguira".<sup>20</sup>

Não tivemos acesso ao conteúdo da carta de Niemayer, mas acerca das cartas de imigrantes, sobretudo daquelas que adquiriam caráter publicitário, Débora Alves faz considerações muito interessantes, quais sejam:

as cartas dos emigrantes tinham um efeito muito grande sobre os seus leitores e que, já na época, eram vistas com ressalva por parte das autoridades alemãs

<sup>18</sup> ALVES, Débora Bendocchi. *Cartas de imigrantes como fonte para o historiador*. Rio de Janeiro Turíngia (1852-1853), Revista Brasileira de História, v. 23, n. 45, São Paulo, julho 2003. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882003000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em 28 de maio de 2008.

<sup>19</sup> RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. op. cit. p. 15. Neste caso, a publicidade foi notadamente falsa. Segundo Theodor, foi motivada por uma série de inverídicos relatórios escritos pelo Sr. H. Günter, primeiro diretor da colônia, entre 1849 e início de 1851.

<sup>20</sup> RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor, op. cit., p. 33



e pessoas ligadas à emigração para o Brasil. A utilização das mesmas por parte dos jornais especializados servia, com efeito, para incentivar a emigração.<sup>21</sup>

Também em livros escritos sobre as colônias se percebe uma tendência a dar um colorido agradável às mesmas. Para isso podemos citar "A Colônia Alemã Blumenau", livro de um ilustre personagem da história da emigração alemã, o Dr. Hermann Otto Bruno Blumenau. Principalmente em seu primeiro capítulo, intitulado "A Colônia Blumenau sua fundação e seu desenvolvimento", onde o autor descreve a colônia em seus aspectos naturais e sua estrutura, percebe-se a profusão de termos positivos: 'belo', 'alegre', 'livre', 'satisfação', 'saudável', 'excelente' e outros são as palavras preferidas para coroar as belas descrições encontradas no texto. O clima é um dos primeiros elementos a ser elogiado:

De um modo geral, o clima saudável trouxe efeitos benéficos para o organismo do imigrante alemão. Os problemas de aclimatização (pés inchados, erupções de pele, debilidade seguida de febre), desapareciam rapidamente com uma dieta e um estilo de vida adequado. A maioria dos imigrantes nem sequer foi atingida e alguns, apenas levemente, sem interferência no seu trabalho. (...) Podemos afirmar que o clima às margens do Itajaí é excepcional e, sem dúvida, muito saudável para a constituição física alemã.<sup>22</sup>

Já as terras da colônia eram consideradas as mais férteis da província de Santa Catarina,<sup>23</sup> o tipo de terra em que "se plantando tudo dá". A cana-de-açúcar produzia tão bem quanto nas províncias do norte do Brasil; o café crescia muito bem, equiparado ao melhor café do Rio de Janeiro; o tabaco, que já era bom, adquiriu excelente qualidade após a introdução do

---

<sup>21</sup> ALVES, Débora Bendocchi. op. cit. Na continuação de seu texto, Débora ainda acrescenta: "Não quero aqui negar a existência de cartas manipuladas, censuradas, etc., muito menos sugerir que nem tudo que fora escrito e publicado era 'verdade'. Desejo apenas ressaltar que as cartas publicadas devem ser tratadas pelos pesquisadores de forma mais cuidadosa do que aquelas não publicadas. As primeiras saem da esfera privada e passam para a esfera pública, desempenhando assim uma outra função. O particular, as relações familiares não interessam diretamente ao público das referidas publicações. O que o simples leitor de então procurava eram informações que correspondessem às suas ambições ou que lhe ajudassem no momento a decidir seu destino, ou ainda a superar sua angústia diante do desconhecido".

<sup>22</sup> BLUMENAU, Hermann. *A Colônia Alemã de Blumenau na província de Santa Catarina no sul do Brasil*. Blumenau: Cultura em Movimento, 2002. p. 26, 27. É curioso contrapor a essa passagem um trecho do texto "Conversa com um velho colono blumenauense": "Ganhar o pão de cada dia era difícil, por falta de oportunidades. A isto se juntava o longo período de calor, ao qual não estavam acostumados; os insetos, dos quais não havia como fugir; a alimentação diferente; males de aclimação, etc". Essa passagem deixa explícito que o clima de Blumenau era uma inconveniência relevante. Conversa com um velho colono blumenauense. op. cit. p. 13.

<sup>23</sup> BLUMENAU, Hermann. op. cit. p. 21.



legítimo tabaco de Havana na colônia; milho, arroz, feijão, mandioca “e os demais primorosos tubérculos nativos” costumam proporcionar ótimos ganhos; trigo, centeio, cevada, aveia, linho, luzerna e variedades de trevo podem se desenvolver bem, apesar do custo elevado; qualquer tipo de hortaliça e tempero verde pode se tornar tão bom quanto os melhores de procedência alemã, ou mesmo excedê-los, “como no caso raro dos rabanetes e nabos comestíveis do tamanho de repolhos, considerados um exagero”; tomilho, coentro, gengibre e pimenta-preta se desenvolvem; cravo-da-índia e canela “fornecem um tempero barato e agradável para o alimento do imigrante”.<sup>24</sup> E a fartura não pára por aí, pois logo em seguida vem a descrição do pomar: além das variadas e excelentes frutas nativas, tem na colônia laranjas, nogueiras indianas, várias espécies de limões e cidras, figos, pêssegos, amoras, marmelos, maçãs, morangos e abacaxis; “a deliciosa banana tropical amadurece ano após ano nos cachos que, por vezes, são gigantescos”.<sup>25</sup> Esse trecho, que vai da página vinte oito à trinta, nos remete a algo como a descrição da mata nativa do Jardim do Éden...

Outros aspectos físicos da colônia também são descritos com igual ufanismo: “A construção de uma estrada seria mais fácil e propícia nas encostas ascendentes do Vale do Itajaí do que em qualquer outro lugar da província”.<sup>26</sup> Para os mais afoitos, uma palavra mágica poderia selar seu destino: “Intacto como nos primórdios, de acordo com a lenda, está confirmada, de modo incontestável, a existência de *ouro* na região do Itajaí, após a realização de uma rentável extração”.<sup>27</sup>

Não discutiremos aqui a veracidade das informações, mas apenas a maneira como elas são colocadas. É fato que o Dr. Blumenau não esconde em nenhum momento que era necessário esforço para se obter sucesso na colônia, que “apesar de a natureza ser muito generosa, ela só permitirá que suas riquezas venham à tona através de mãos diligentes”.<sup>28</sup> Temos agora um conjunto de elementos que pode nos ajudar a entender a formação da imagem das colônias do Vale para o emigrante alemão: primeiramente, em termos cronológicos, podemos relacionar o mito do País da Cocanha, presente no imaginário do camponês europeu há muitos séculos (não queremos dizer aqui que o mito estava em voga nesse momento, porém seus vestígios e aqueles de uma América paradisíaca, sim); em

---

<sup>24</sup> Idem, p. 28, 29.

<sup>25</sup> Idem, p. 30.

<sup>26</sup> Idem, p. 22.

<sup>27</sup> Idem, p. 30.

<sup>28</sup> Idem, p. 33.



seguida, as próprias más condições de vida dos camponeses alemães, o que os levava a concentrar suas esperanças na emigração, buscando em outras terras a realização de seus sonhos, por vezes simples como possuir um pedaço de chão que garantisse seu sustento; também não se pode deixar de citar os esforços da diplomacia brasileira em encorajar e favorecer a emigração, através de uma política imigratória teoricamente vantajosa para os colonos; por fim, temos a publicidade em torno da emigração, que em diversos momentos gerou mal entendidos e decepções. Acreditamos ter sido esse último fator que, quando somado aos demais, resultou numa imagem idealizada das colônias do Vale do Itajaí.

Essa publicidade provinha das companhias de navegação e seus corretores, que especulavam com a emigração, visto que se sustentavam no transporte da “mercadoria humana” que os emigrantes representavam.<sup>29</sup> Para essas empresas, quanto mais emigrantes fossem transportados, maiores eram os lucros. Por outro lado, livros como o de Hermann Blumenau buscavam ser menos parciais, oferecendo uma visão onde o esforço do colono é peça essencial para seu sucesso na colônia. Porém, mesmo nesse caso, as virtudes naturais da terra e a fartura que ela viabiliza parecem exageradas, as vezes tornando-se quase um arremedo do País da Cocanha, esse lugar de fartura, alegria, liberdade e igualdade, tão almejado pelos pobres camponeses. Também devemos lembrar que, por melhores que fossem as intenções dos envolvidos em estimular a emigração e/ou o desenvolvimento das colônias, as descrições deveriam sempre deixar uma impressão positiva na mente do potencial emigrante alemão, sob pena de esses empreendimentos fracassarem por falta de interessados.

Por último, lembramos que esse artigo não se propõe a fechar a questão da imagem das colônias no imaginário do emigrante alemão. O assunto é deveras complexo e possuiu várias facetas que aqui não foram abordadas (particularmente do ponto de vista psicológico), além de fornecer grandes volumes de material para pesquisa, tanto em termos de fontes como de bibliografia, impossibilitando sua abordagem em tão poucas linhas.

#### Fontes

Fundação Cultural de Blumenau. Conversa com um velho colono blumenauense. *Blumenau em Cadernos*, n. 03/04. Blumenau., mar/abr. 2007.

---

<sup>29</sup> ALVES, Débora Bendocchi. op. cit.



BLUMENAU, Hermann. *A Colônia Alemã de Blumenau na província de Santa Catarina no sul do Brasil*. Blumenau: Cultura em Movimento, 2002.

KLEINE, Karl. Chegada em Blumenau. *Blumenau em Cadernos* – Fundação Cultural de Blumenau, n. 11/12. Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau, nov/dez. 2000.

RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. *A Colônia Dona Francisca no sul do Brasil*. Florianópolis: Editora da UFSC/FCC. Joinville: FCJ, 1992.

#### Referências

ALVES, Débora Bendocchi. *Cartas de imigrantes como fonte para o historiador: Rio de Janeiro Turíngia (1852-1853)*, Revista Brasileira de História, v. 23, n. 45, São Paulo, julho 2003. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882003000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt) Acesso em 28 de maio de 2008.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KLUG, João. *Imigração e luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro* - Florianópolis. Florianópolis: Papa-Livro, 1994.

RICHTER, Klaus. *A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau*. Florianópolis: Editora da UFSC. Blumenau: Editora da FURB, 1986.

SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. *A terra prometida: emigração italiana: mito e realidade*. Itajaí: Editora da Univali, 1999.

